



Representações do individualismo da modernidade líquida na poética de Antero de Alda

Mauricio Gabriel Santos¹ (Uniev.)
Hugo de Andrade Silvestre² (Uniev.)
Débora Cristina Santos e Silva³ (Uniev/ UEG)

Resumo:

Este artigo propõe uma leitura das representações da “modernidade líquida” na obra de Antero de Alda, web-poeta português contemporâneo, que produz e dissemina sua poesia em meio digital. O autor, recorrendo à convergência de mídias, elabora suas páginas numa composição dinâmica e multidimensional pelo uso de recursos de áudio e vídeo, fotografia, animações, narrativas, poesia cinética e multimídia. A pesquisa desenvolveu-se a partir da análise, interpretação e exercícios de reescrita dos poemas disponíveis no sítio do autor, considerando-se as dimensões referencial e simbólica da linguagem poética e das suas produções hiperpermídia.

Palavras-chave: Cibercultura, modernidade líquida, literatura eletrônica.

Abstract:

This article proposes a reading of the representations of “liquid modernity” in Antero de Alda’s job. He is a contemporary Portuguese webpoet who produces and disseminates his poetry in digital resource. The author, be taking the convergence of Medias, elaborates his pages in a dynamic and multidimensional composition by the use of resources of audio and video, photographs, animations, narratives, kinetics poetry and multimedia. The research was developed from the analysis, interpretation and rewriting exercises of the author’s poems (available on Alda’s site), considering the referential and symbolical dimensions of poetry language and his productions on hypermedia-

Key words: Cyberliterature, liquid modernity, electronic literature.

Introdução



O presente trabalho apresenta os resultados finais do projeto A poética de Antero de Alda: representações da pós-modernidade em LGC (Literatura Gerada por Computador), pesquisa de iniciação científica. Este projeto teve por objetivo avaliar as temáticas recorrentes na poesia do ciberpoeta português Antero de Alda, considerando sua obra numa perspectiva crítica sociológica além de contemplar a cibercultura e a produção artística em rede como fator emergente de uma sociedade permeada pela comunicação em massa. Nesse contexto, visualiza a produção poética de Antero de Alda em LGC, avaliando nesta as representações de fluidez e quebra de fronteiras espaço-temporais da modernidade avançada. Por fim, busca explorar as possibilidades metodológicas de leitura de poesia na educação básica, a partir da produção de Antero de Alda, em suporte eletrônico.

Este ensaio especificamente pretende focalizar, a partir da análise crítica sociológica, a obra produzida em LGC por Antero de Alda, veiculada em seu sítio na internet, buscando as representações da fragmentação moderna e do individualismo moderno líquido, aspectos que compõe o cenário contemporâneo e que permeiam a poética do autor, relacionando assim essas características com a poesia virtual.

A fragmentação moderna

A modernidade tem seu incerto início no nascimento de um mundo que pensa em como é, como era e como poderá vir a ser, em contraposição a um mundo descuidado, irrefletido e ordenado de modo divino, onde tudo tem uma razão inquestionável de ser. Aos poucos esse velho mundo percebeu a diferença entre a ordem e o caos, entre um mundo ordenado por fatores experimentados e um outro acrítico e inconsciente de suas ações, logo a experimentação se tornou o princípio da ordem, e a ordem, a obsessão desse novo mundo. “Podemos pensar a modernidade como um tempo em que se reflete a ordem” (BAUMAN, 1999, p. 12) e



também o tempo em que a ordem como a conhecemos foi criada, nutrida e cultuada, tal ordem consiste na consciência do mundo, do humano, do habitat humano e da interrelação desses três. A consciência moderna é então a consciência da ordem e a “existência é moderna na medida em que contém a alternativa da ordem e do caos” (BAUMAN, 1999, p. 14).

Para Berman (1986) as experiências da atividade humana que abrangem o tempo, espaço, de si e do outro, as possibilidades, perigos e consequências da vida que são compartilhadas por homens e mulheres em todo o mundo, é o que configura a modernidade, mais do que isso, a reflexão e consciência dessas experiências faz surgir um novo ambiente que segundo autor “promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação das coisas em redor, mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos” (BERMAN, 1986, p.15). Que nos despeja em um turbilhão de desintegração contínua e irrefreável, que liquefaz as fronteiras geográficas, raciais, religiosas e ideológicas.

Hall corrobora com os dois autores quando diz: “As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante rápida e permanente” (HALL, 2003, p.14) no entanto a permanência de que fala, não trata-se de certa rigidez, e sim de uma irreversibilidade dessa mudança em um processo inconcluso e infinito de rupturas e fragmentações no interior do próprio sistema moderno, a sociedade está assim, constantemente sendo decentrada e atravessada por inúmeras divisões sociais que produz uma variedade de diferentes posições sociais e diferentes tipos de sujeito.

Dessa forma, o mundo ambivalente, pouco classificado foi caçado pela modernidade, pois a política, intelecto e a vida moderna não permitem que haja uma realidade que não seja precisamente definida, por isso busca exterminar suprimir ou eliminar o que não poder ser organizado ou ordenado. Tal existência, pura, livre de intervenção, que não atende ao desejo obsessivo da ordem é ligada a



natureza, mais que isso, torna-se a natureza, um campo caótico, por isso perigoso e inadequado para o ser humano, restando apenas a essa realidade ser dominada, subjugada e explorada “de forma a se reajustar às necessidades humanas” (BAUMAN, 1999, p.15)

O homem com isso passa a ter sua origem na ordem, ou seja, no mundo ordenado, civilizado, não caótico e não natural, a origem da humanidade se fragmenta e deve ser contida, refreada e reacomodada nesse novo modelo social, o moderno. Permanecer em um estado natural ou que lembre, ainda que vagamente a vida natural é um sentenciamento a marginalidade, exclusão e repressão. Nesse sentido, a espontaneidade não tem lugar em uma sociedade moderna, o pensamento há de ser lógico, mesmo que possuindo uma lógica ambígua e contraditória, os sentimentos devem se alinhar a um propósito racional.

As emoções foram os ubi leonis da ordem controlada pela razão, coisas ainda por domesticar e dominar, inscritas na agenda das tarefas não-cumpridas enumeradas pelos sucessivos currícula da Razão [...] Todo gesto ou trejeito não deliberado e sem controle revelava e traía a pouca consistência do verniz civilizado e a natureza gratuita das paixões que sob ele refervem: toda espontaneidade era, por conseqüente, destrutiva da ordem civil e, por mor desta última, devia ser excluída, pela vergonha, da existência; era necessário proclamá-la degradante e embaraçosa e garantir que como tal fosse vivida. (BAUMAN, 1995, p.65)

Além disso, “viver de acordo com a natureza requer um bocado de planejamento, esforço organizado e vigilante monitoramento. Nada é mais artificial que a naturalidade” (BAUMAN, 1999, p.15).

A fragmentação moderna classifica e por isso, separa, exclui, desacomoda, torna o artificial natural, o natural artificial, e sobretudo, nega ao homem a consciência de sua origem, colocando uma outra realidade em seu lugar, legitimando-a como única verdadeira e inquestionável, afinal, ela já foi por muitos e por muito tempo pensada, organizada até se resumir na ordem e prática moderna, que tem como inclinação “natural” a intolerância, incompreensão daquilo e daqueles que não se adaptam ao que por todos é aceito e compreendido como inato ao homem, tornando-se candidatos ao descarte.



Contudo, a obsessão pela ordem não seria tão moderna se declarasse certa conclusividade, a ordem é legítima, absoluta somente enquanto outra não toma o seu lugar, e surge sempre com um dinamismo sem precedentes, é o que se chama de progresso, o descarte sucessivo de versões da ordem que eram harmoniosas, até serem desacreditadas e descreditadas pelo fluxo dinâmico da modernidade, sem o qual seria impossível sustentar a história do progresso da artificial história natural da humanidade. “A modernidade é o que é - uma obsessiva marcha adiante - não porque queira sempre mais, mas porque nunca consegue o bastante” (BAUMAN, 1999, p. 18).

A modernidade fez da fragmentação a sua maior realização e o maior trunfo para a governabilidade de que poderia dispor. Ao fragmentar os homens também os desacomoda, e só há então um único caminho para a reacomodação, a ordem civil, “a fragmentação é a fonte primária de sua força” afinal “O mundo que se desintegra numa pletera de problemas é um mundo governável” (BAUMAN, 1999, p.20). A grande questão da ordem e da reacomodação começa então a se desintegrar e se apresenta em formas de pequenos problemas solucionáveis, que se adaptaram para atender a emergente necessidade individual de ordem.

Os poderes, as pessoas são fragmentadas o mundo em si não o é, as pessoas se tornam e permanecem por isso multifuncionais e polissêmicas, por causa da fragmentação das funções e dos significados. Nada é mais único e inquestionável, todos os valores se relativizam e se individualizam, desacomodam, e a ordem se vê obrigada a migrar, do coletivo, do macro, em direção ao micro, onde se torna capilar. O reflexo dessa separação compulsiva e tão necessária a modernidade é o horror a mistura, explicado pelo desejo de não se relacionar com pessoas fragmentadas e individuais, por não manter relações fragmentadas, e negar uma sociedade fragmentada, isso em um nível pessoal. O mundo do outro é sempre menos ordenado, muito mais fragmentado, individual, caótico e a ideia de se ligar a esse outro se torna tão absurda como negar que a história da modernidade é a história da fragmentação.



Individualismo na modernidade líquida

A sociedade do século XXI, moderna líquida, segue o trajeto da fragmentação moderna, compulsiva e contínua, no entanto os sujeitos contemporâneos não são mais tão preocupados com a comunidade, o projeto de racionalização, de emancipação que tinha por finalidade o social, não encontra agora o mesmo propósito, a emancipação não é do povo, da nação, propiciada pelo Estado, antes é do e para o sujeito, que se apresenta como indivíduo em oposição ao cidadão, devido ser a individualização uma atividade incessante que acarretou essa mudança na colocação e participação social das pessoas.

A modernidade como nasceu tinha por finalidade a desacomodação dos sujeitos, para que pudessem ser acomodados, civilizados, ordenados, na liquidez de uma nova modernidade. A compulsividade tornou-se tão presente como as telecomunicações, tão voraz como o consumo, como a política e vidas de consumo, e assim, não há mais espaço para acomodação, reformulação e qualquer tentativa disso se extingue antes que o trabalho esteja terminado, é necessário que se nasça ordenado e que o modelo de vida moderno seja defendido, não basta apenas ser ordenado, tem-se que viver ordenadamente. A fragmentação experimentada pela primeira modernidade não alcançou o ideal de compreensão do mundo e do outro, obrigando ao homem a voltar os olhos para si mesmo e engajar-se em uma política pessoal, uma política-vida, individualizando-o.

A sociedade em seu caminho individualizante deixou de se questionar, não porque não haja questões a serem resolvidas, mas porque não vê solução nas respostas, pensar a si, o mundo, o outro e essas relações, não garantem nenhuma emancipação, liberdade ou consciência crítica da realidade, por isso, deixa-se de se questionar o social, o que é bem conveniente e vital para a modernidade líquida, e passa-se a se preocupar com o pessoal, individual, de onde vem o



engajamento na atual e sem precedentes na história, política-vida, também por que o Estado antes provedor da razão a ser seguida, agora se abstém dessa função e delega essa responsabilidade - não que seja sua por obrigação, mas porque foi sua desde seu nascimento - aos cidadãos, que a liquefaz, não sozinhos, mas segundo o fluxo que a modernidade impôs. Assim, “O trabalho de que os homens estão encarregados hoje é muito semelhante ao que era desde o começo dos tempos modernos: a autoconstituir a vida individual e tecer e manter as redes de laços com outros indivíduos em processo de autoconstituição” (BAUMAN, 2001, p.60).

O fluxo moderno líquido é irrefreável, e a individualização é um fato, não mais uma opção individual, mas um fator social e inato ao homem moderno e qualquer tentativa de suavizar os impactos por ele causados deve partir primeiro da consciência e reconhecimento dessa nova realidade, assim a “individualização parece ser a corrosão e a lenta desintegração da cidadania” (BAUMAN, 2001, p. 46) lenta, mas presente e irreversível, por vezes essa corrosão parece inexistente, pois não acompanha o ritmo acelerado da sociedade de consumo atual. Ainda assim, é justamente essa velocidade lenta, gradual e quase imperceptível, que a nova modernidade precisa para substituir o cidadão pelo indivíduo, do contrário, essa substituição não aconteceria e não sustentaria a ideologia consumista, na qual o mundo está imerso. Ainda nessa relação indivíduo x cidadão Bauman considera que:

“Se o indivíduo é o pior inimigo do cidadão, e se a individualização anuncia problemas para a cidadania e para a política fundada na cidadania, é porque os cuidados e preocupações dos indivíduos enquanto indivíduos enchem o espaço público até o topo, afirmando-se como seus únicos ocupantes legítimos e expulsando tudo mais do discurso público. O ‘público’ é colonizado pelo ‘privado’; o ‘interesse público’ é reduzido à curiosidade sobre as vidas privadas de figuras públicas e a arte da vida pública é reduzida à exposição pública das questões privadas e a confissões de sentimentos privados (quanto mais íntimos, melhor). As ‘questões públicas’ que resistem a essa redução tornam-se quase incompreensíveis.” (BAUMAN, 2001, p. 46)

Dentre todas as características da modernidade líquida, o consumo e a individualização são as que mais conferem ao sujeito uma liberdade sem



precedentes de experimentar, e também a tarefa de enfrentar as conseqüências dessas escolhas, todas as variedades que o mercado consumista e o mundo capitalista, oferecem alimentam o desejo de multiplicidade individual, do “querer ser quem quiser”, querer viver a vida como puder, sem se ater a um estilo único, representar quantos papéis forem necessários em quantos palcos estiverem abertos para apresentações públicas.

“viver em meio a chances aparentemente infinitas (ou pelo menos em meio a maior número de chances do que seria razoável experimentar) tem o gosto doce da “liberdade de tornar-se qualquer um”. Porém essa doçura tem uma cica amarga porque, enquanto o “tornar-se” sugere que nada está acabado e temos tudo pela frente a condição de “ser alguém”, que o tornar-se deve assegurar, anuncia o apito final do árbitro indicando o fim do jogo: “ Você não está mais livre quando chega ao final; você não é você, mesmo que tenha se tornado alguém, Estar inacabado, incompleto e subdeterminado é um estado cheio de riscos e ansiedade, mas seu contrário também não traz um prazer pleno, pois fecha antecipadamente o que a liberdade precisa manter aberto.” (BAUMAN, 2001, p, 76)

Todas as possibilidades de existir, de ser e fazer não geram um estado de satisfação e felicidade, muito pelo contrário, a insatisfação e tédio nunca foram tão acentuados quanto são agora, lançam os indivíduos em uma busca incessante por mais, e o erro é inconcebível, pois mesmo que seja contornável em uma outra existência escolhida pelo sujeito, ainda assim é uma grande perda de tempo, de experimentação de pessoas que poderia ser e não foi, e claro, o medo de errar nunca se fez tão presente, nunca foi tão preocupante, “mas se não se pode errar, também não se pode saber se se está certo.

Se não há movimentos errados, e assim nada que permita distinguir um movimento como melhor e assim nada que permita reconhecer o movimento certo entre as várias alternativas” (BAUMAN, 2001, p. 74). Obviamente se não há segurança de se estar certo, só o que resta a fazer é procurar uma realidade que permita reconhecer algo que pareça certo, e não havendo nessa, busca-se em outra, dentro de todas as possibilidades em um processo cíclico e angustiante que é tão próprio da modernidade líquida. Afinal “A infelicidade dos consumidores deriva do excesso e não da falta de escolha” (BAUMAN, 2001, p. 75).



A cibercultura e ciberliteratura

Nas sociedades de cultura oral, os textos e enunciados eram, e em alguns casos ainda são produzidos e recebidos no mesmo ambiente discursivo, ou seja, eram entendidos e interpretados muitas vezes, senão todas, segundo o enunciador objetivara. Já com a invenção da escrita esses textos podiam ser transportados de um contexto discursivo a outro, tanto em espaço físico, de cidades entre cidades, países e países, como também no tempo, essa distância do significado e do enunciado, sem dúvidas fragmenta as mensagens. Após a imprensa móvel de Gutenberg, esse deslocamento discursivo aumentou e o livro tornou-se o suporte de informação por excelência até meados do século XX.

No entanto, com o advento da informática e internet, percebe-se segundo Lévy (1999) uma certa “copresença”, os textos podem na rede ser apreendidos quase que no mesmo momento de produção do discurso, as mensagens voltam a ser veiculados no mesmo contexto de enunciação, bem como ocorria nas sociedades orais, só que em uma escala muito maior, em uma universalização que interconecta essas mensagens e as liga às comunidades virtuais possibilitando que os sentidos variem e haja uma renovação permanente desse conteúdo. A “cultura do livro, ou seja, uma certa maneira de produzir saber, sentido e sociabilidade vai pouco a pouco desvanecendo-se” (BAZIN, 1996, p.8)

Cibercultura, assim, é “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p.17) e ciberespaço é para o mesmo autor, o novo meio de comunicação emergente da interconexão mundial dos computadores. A cibercultura exige uma nova forma de escrita da história humana e, nesse espaço hipermidiático,



o texto é o lugar dos seus próprios efeitos, estruturados numa série de ecos inter-semióticos entre os níveis fonético, sintático e semântico da linguagem verbal, por um lado, e a dimensão representacional e não-representacional da escrita, por outro. Os efeitos miméticos e expressivos são deslocados para o interior da linguagem e dos seus códigos e práticas, questionando os modos discursivos de referência ao sujeito e ao mundo. (PORTELA, 2011, online)

Considerando o texto em um sentido mais abrangente, há que se pensar também sons e imagens. Um hipertexto segue essas mesmas características, e mais, as acentua em uma simultaneidade muito mais evidente e sem precedentes nesse novo modelo de texto e relação signo-significante, uma vez que o texto na tela “é constituído por nós (elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, seqüências musicais etc) e por links entre esses nós, referências, ponteiros, botões, indicando a passagem de um nó a outro” (LÉVY, 1999, p.58). O hipertexto seria, com isso,

definido como informação multimodal disposta em uma rede de navegação rápida e” intuitiva” [...] a digitalização introduz uma pequena revolução copernicana: não é mais o navegador que segue o instrumento de leitura e se desloca fisicamente no hipertexto, virando as páginas, deslocando volumes pesados, percorrendo a biblioteca. Agora é um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra e desdobra-se à vontade frente ao leitor. (LÉVY, 1999, p.59 /aspas do autor/)

O livro possui uma identidade que é simultaneamente textual e material, todo mundo é capaz de identificar um livro, diferenciá-lo de um jornal, revista, de uma carta etc. “Mas no mundo dos textos eletrônicos esta diferença tende a desaparecer” (CHARTIER, 2002, on line), desaparecer, no entanto, não quer dizer que não haja gêneros que especifiquem e classifiquem o hipertexto, mas sim que o hipertexto tende a se liquefazer em uma convergência de gêneros.

Esse novo contexto de produção discursiva e de uso da linguagem verbal e não verbal, veio mudar definitivamente as atividades relacionadas a ela, bem como a literatura, afinal, parece que “o digital, fluido, em constante mutação, seja desprovido de qualquer essência estável. Mas justamente, a velocidade de transformação é em si mesma uma constante - paradoxal - da cibercultura” (LÉVY, 1999, p.28). Paradoxal e também por isso, ambivalente, a falta de estabilidade e a



velocidade de transformação se associa a compulsiva experimentação da modernidade líquida, percebendo assim a ciberliteratura como um evento moderno líquido. Importante ressaltar que:

Literatura Gerada por Computador (LGC), Infoliteratura ou Ciberliteratura são termos que designam um procedimento criativo novo, nascido com a tecnologia informática, em que o computador é utilizado, de forma criativa, como manipulador de signos verbais e não apenas como simples armazenador e transmissor de informação, que é o seu uso corrente. Tal uso criativo do computador, extensível de forma geral à Arte Assistida por Computador e à Ciberarte (composição musical, criação de imagens sintéticas, cinema animado por computador, etc.). (BARBOSA, 1998, on line)

Para atender a essa necessidade moderna líquida, individual e individualizante do consumo, citando aqui o consumo da arte, e especificamente da literatura, a LGC oferece recursos cinético-audio-visuais, que se destacam e se diferenciam do papel, limitado e estático, assim o leitor pode consumir uma ciberpoesia não somente no nível lingüístico, mas na relação, imagem, palavra e som, seguindo “a tendência à indeterminação, à mistura das funções de leitura e escrita” (LÉVY, 1999, p. 59).

Nesse ponto a interatividade no processo de reescrita poética desdobra-se em um gênero da emergente LGC, “o leitor participa do processo criativo num verdadeiro acto de co-criação: daí nascerá o “escreitor” (wreader, lauteur), aquele que pratica a leitura pela escrita e a escrita pela leitura numa nova simbiose interactiva.” (BARBOSA, 1996, on line).

Com isso, “o texto virtual apela assim para uma leitura múltipla, variacional, repetitiva, mas semanticamente sempre renovada” (BARBOSA, 1996, on line), pois a reprodução do ciberpoema é condicionado pela interação do leitor, o poema desenvolve-se e mostra-se na tela conforme o movimento do cursor, e intenção do leitor, o que permite que cada reprodução seja única, tanto de leitor para leitor, como para o mesmo leitor ao reabrir o poema, a infinidade de leituras e releituras parece assim atender a busca incessante e fluida por algo novo.



A LGC parece ter surgido inicialmente como uma nova tendência literária, ela parece em todo o caso estar a circunscrever-se aos limites de um verdadeiro "gênero literário" cujas novas formas se vão metamorfoseando em função do progresso da tecnologia informática. Estamos, porém num ramo ainda muito fluido da criação literária, em fase inicial do seu desenvolvimento e longe duma consolidação estável, pelo que se torna prematuro estabelecer definições definitivas e porventura insensato arriscar neste domínio previsões futurológicas. (BARBOSA, 1998, on line)

Os aspectos mencionados da modernidade como: a fragmentação, o dualismo entre caos e ordem, a obsessão por essa última, oposição entre natureza e civilização, a multifuncionalidade das funções, polissemia das tarefas e dos significados e o horror a mistura, bem como os aspectos mencionados da modernidade líquida como: a falta de totalidade, o pessimismo em relação à reflexão social, engajamento na política vida, desejo de experimentação e os receios por suas conseqüências, racionalidade para e pelo individual, descarte do não acomodado, todos esses fatores parecem encontrar lugar na ciberliteratura como se nascesse com ela, ou como se ela nascesse a partir deles.

A individualidade em o poema em viagem

O ciberpoeta português Antero de Alda em sua poética mostra um engajamento social e político bem evidente na sua página na internet (<http://anterodealda.com/>), seu trabalho com fotografia, mostra idosos portugueses em uma realidade abandonada pelo mundo moderno, mesmo que inseridos em sociedade, pessoas que não puderam se reacomodar, não souberam como fazê-lo e foram marginalizados e descartados pela modernidade líquida. E ainda retrata cenários isolados como o sofrimento das crianças no Laos, as mulheres afegãs e o sofrimento pós-guerra, e ainda as implicações do capitalismo na vida das pessoas que não podem aproveitar desse regime, e as conseqüências atuais da cultura de consumo.



Dentre vários poemas que se poderia aplicar essa relação entre ciberliteratura e modernidade líquida o “Poema em viagem” foi o escolhido para ser objeto da presente análise, por ser um poema interativo e por apresentar retratos de sociedades e culturas diferentes, nesse poema é possível perceber algumas características da modernidade liquefeita.

O poema em viagem mostra fotografias de oito países, sendo eles: Brasil, Letônia, Cabo verde, Paris na década de 50, Estados Unidos da América, Índia, Bulgária, África do Sul, cada um tem um link acima da imagem todos ordenados horizontalmente e nas periferias duas pequenas setas, passando o cursor nas setas abre-se então uma estrutura de versos e nos nomes dos países, abre-se uma fotografia, em todas as apresentações as letras da palavra “poema” vão subindo na tela e podem ser embaralhadas com o movimento do cursor, todo o poema se desenvolve com uma música grave de fundo, que intensificam a força das imagens. Na primeira seta aparecem os versos:

na viagem distrai-se o poema
mas pode ser de sangue, névoa ou fogo-----guerra!

até silêncio!

tão depressa infantil como impiedosamente velho
até no cheiro!

na viagem, o provérbio diz-lhe:
“molda-te ao vento...”

Ao passar o cursor na última seta aparecem os três versos:

vento!

não sejas cruel
se me rasgas o caminho no rosto.

Os versos relatam o que pode ser encontrado em viagens desde que se passe a observar bem, como névoa, fogo, guerra, elementos que a modernidade tende a negar que existam e vende imagens turísticas de países, com objetivos econômicos,



deve-se salientar alguns elementos usados pelo autor, além de, fogo, guerra e sangue, que sinalizam as mortes que são encobertas, anônimas, escondidas em certa névoa, o silêncio vem em posição de destaque como fator tão prejudicial como os outros, pois o silenciamento das mazelas da sociedade é o que impulsiona o consumo e o capitalismo, negar o sofrimento das pessoas, é justamente o que faz com que elas sofram, é a guerra que tem que se combater, é o fogo que devora depressa e impiedosamente as comunidades marginalizadas, descartadas, velhas “até no cheiro” o que resta então é moldar-se, acompanhar o fluxo moderno líquido obsessivo e irrefreável e para muitos “cruel”.

O modo de reprodução do poema é completamente interativo, assim a ordem e o número de vezes que se vê uma imagem fica a escolha do leitor, que pode ver ou não todas as imagens, ler ou não os versos, e fechar o poema, como também pode ler várias vezes, ver várias vezes uma mesma fotografia e ainda interagir com as letras que passam, de forma que cada reprodução do poema não será a mesma, sendo infinitas as possibilidades de reprodução, atendendo ao desejo individual de consumo do poema, que é tão característico da contemporaneidade.

Alda não se preocupa somente com o sofrimento causado pela fome, isolamento e descarte, mas também com os problemas de uma sociedade que vive as consequências de um regime capitalista, que produz vidas para consumo, e vivem a compulsividade da experimentação e as consequências dela. Tudo isso dentro de um fluxo incontrolável como o vento, pessoas que sofrem sem saber bem de onde vem seu sofrimento, sem poder ver nenhuma solução que melhore suas condições, que suavize a sensação de anacronismo, a angústia da procura por mais.

Figura 1: fotografia do Estados Unidos da América



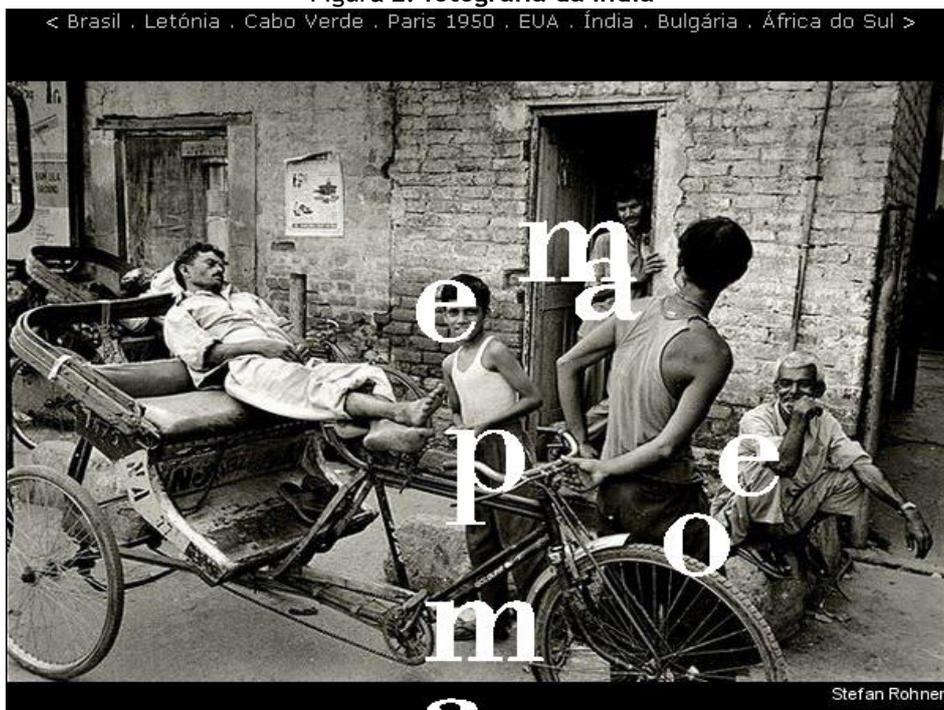
As fotografias selecionadas dos poemas representam comunidades marcadas pelo sofrimento, e até a foto de Paris que evidencia um momento feliz, faz referência a um momento pós-segunda guerra mundial. Para o autor, mais importantes que os países, seus sistemas econômicos, políticos, valores sociais e religiosos, são as pessoas que constroem essas realidades, que a sustentam e que são vítimas da própria criação e da herança de pessoas que vieram antes delas, mas que acabaram por determinar as condições de vida que elas têm. As imagens mostram uma cultura de descarte, de desvalorização do humano ante a um mundo que tem pressa e que impulsiona os que podem correr nesse fluxo e que estagna aqueles que por vários motivos não podem.

Berman considera que nesse modelo de organização social e ideológico “tudo é absurdo, mas nada é chocante, porque todos se acostumam a tudo. Este é um mundo em que o bom, o mau, o belo, o feio, a verdade, a virtude, têm uma existência apenas local e limitada” (BERMAN, 1986, p.17) Nesse sentido, sentido Alda busca tornar visível uma realidade que tem sido negada e até mesmo neutralizada, dando voz ao sofrimento de pessoas que foram silenciadas, ou



ignoradas e condenadas a permanecer em um estado pouco satisfatório para elas, mas que reafirma a ideologia consumista e capitalista, levando-as a querer mudar, sem no entanto, oferecer possibilidades para isso, e dando as demais pessoas a certeza de que não querer pertencer a uma classe de pessoas descartada.

Figura 2: fotografia da Índia



Assim, o autor revela aquilo que a modernidade precisa esconder, ou seja, a deterioração, a exclusão e a repressão que sofre uma classe de pessoas que é majoritária em todo o mundo, mas não se faz ouvir, não porque não queira, mas por que seu grito não encontra respaldo no fluxo do consumo, as ideias de lealdade e caridade por exemplo, fazem com que o consumo seja negligenciado, uma vez que haja pessoas que sustentem outras, essas sustentadas, não precisam trabalhar, acumular dinheiro e consumir, ou seja, não precisam entrar ativamente no ciclo do capitalismo, mesmo que sejam vítimas dele, tudo isso a ideologia de consumo precisa esconder, pois o conforto e o bem-estar é a condição primária do consumo, depois a obsessão, e o excesso de possibilidades.



Considerações finais

O computador e a internet vieram mudar a forma de escrita do homem e do mundo, da mesma forma a literatura se adaptou à essa nova concepção, universalizante e totalizante de expressão e significação, o mundo marcado pelo individualismo e pelo consumismo se revela na LGC de forma muito clara, pensar a modernidade é pensar a fragmentação, a contemporaneidade, o individualismo, e a literatura expressará esses aspectos do seu contexto de produção, assim, a interatividade, multimidiaticidade se mostram como opções de consumo, que tendem a se renovar e oferecer cada vez mais possibilidades, para que se tornem mais atrativas e possa assim atender a necessidade do leitor, que por isso mesmo se torna um “escritor”, tanto pela programação do poema, quanto pela insatisfação do que é estático, do que não se desdobra e não se mostra multifuncional, e polissêmico, como ele mesmo se tornou devido as relações sociais permeadas por uma cultura de consumo individualizante e capitalista.

Referências

BARBOSA, Pedro. **A renovação do experimentalismo literário na literatura gerada por computador**. Revista da UFP, n. 2, v.1, pp. 181-188, Porto, 1998. Disponível em: < [http://www.pedrobarbosa.net/artigos - online/lgc.artigo.htm](http://www.pedrobarbosa.net/artigos-online/lgc.artigo.htm)> Acesso em: 15 dez. 2011

BARBOSA, Pedro. **Ângulos e virtualidades do Texto**

Virtual: , Edições Afrontamento, Porto, 1996. Disponível em

<http://www.pedrobarbosa.net/artgonline.htm>. Acesso em. 15.dez.2011

BAUMAN, Zigmunt. **A vida fragmentada**. Tradução, Miguel Serras Pereira - Relógio D'Água Editores. Ed., 1995.

_____. **Modernidade líquida** 1925. Tradução, Plínio Dentzien. - Rio de Janeiro: Zahar 2001.

_____. **Modernidade e ambivalência**, 1925. Tradução, Marcus Penchel. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999

BAZIN, Patrick. **Vers une Métalecture**, in **Buletindes Bibliothèques de France**, Paris T.41, n° 1, 1996, p.8.

BERMAN, Marshall, **Tudo que é sólido desmancha no ar. A Aventura da modernidade**. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.



CHARTIER, Roger - **Before and after Gutenberg**. A conversation with Roger Chartier, in the book *& the computer*, April 30, 2002. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/afurtado/index.htm> Acesso em: 15. dez. 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999

PORTELA, Manuel. **Flash script poem: a recodificação digital do poema experimental**. Disponível em: www.po-ex.net. Acesso em: 06/09/2011

¹ **Maurício Gabriel SANTOS, graduando do 6º período de Letras, bolsista PIBIC-CNPq/2011**
Centro Universitário de Anápolis Unievangélica (UNIEV).
E-mail: mauricioipub@hotmail.com

² **Hugo de Andrade SILVESTRE, Mestre em Sociologia. Professor do curso de Letras/ UniEVANGÉLICA. Professor**
Centro Universitário de Anápolis Unievangélica (UNIEV).
E-mail: hugosilvestre@hotmail.com

³ **Débora Cristina Santos e SILVA, Pós-Doutora em Literatura e Hipermídia. Professora do curso de Letras /UNIEV/UEG. Coordenadora da Pesquisa.**
Centro Universitário de Anápolis Unievangélica (UNIEV) e Universidade Estadual de Goiás (UEG)
E-mail: desants@uol.com.br